

A MORTE

• Por Charles Edward Robins

A Morte — tanto o conceito, quanto a incômoda realidade — nunca deixou de ser o centro do interesse para a psiquiatria, psicologia e psicanálise na Europa Continental. Foi Freud mesmo quem escreveu que sua grande realização, A Interpretação dos Sonhos, foi uma reação direta à morte de seu próprio pai. No seu segundo prefácio para este trabalho, ele escreve que “a morte de um pai” é “o mais importante evento, a mais pungente perda (den einschneidendsten Verlust) na vida de uma pessoa”. Seus primeiros estudos clínicos na histeria apontam, em larga medida, para a mesma realidade perturbadora: uma morte não pranteada, comumente de um parente, esconde-se reprimidas nas sombras, **sufoca** o paciente, especialmente na sua sexualidade. No “Fetichismo”, Freud abertamente perguntou a si mesmo: como puderam estes dois jovens que não prantearam seus “bem-amados pais” não terem se tornado psicóticos? A preocupação de Freud com a morte foi imensa, como pode-se perceber no exame das centenas de citações sobre “morte” no índice da sua “Standard Edition”. Mas, talvez ele seja melhor conhecido pela sua insistência no conceito de uma “Pulsão de Morte” (todestriebe), mesmo quando não era de todo popular entre seus discípulos analistas, especialmente aqueles que emigraram para a Inglaterra e os Estados Unidos e vieram a favorecer um “ego sem conflito”. Pode-se ver realmente a resistência aos conceitos freudianos ao se verificar a “Pulsão de Morte” no índice da tradução inglesa da “Standard Edition”: primeiro, a “Pulsão de Morte” não está listada como tal, mas como “Instinto de Mor-

te” (apesar de Freud não ter usado a palavra “instinto” em alemão!). Então, o leitor é imediatamente direcionado para “ver também Agressividade; Impulsos Destrutivos; Instintos do Ego; Masoquismo; Impulsos Sádicos” e, somente após, vem o volume e o número da página do dado “Instinto de Morte”. A “Pulsão de Morte” é relacionada mas não totalmente compreendida pelos estudos destas expressões, por exemplo, “agressividade” e muito menos “Instinto do Ego”. Em “Mais Além do Princípio do Prazer” (que significa “Além de Eros, a pulsão de vida”) Freud insiste que “o desígnio de toda a vida é morrer” e que a Pulsão de Morte, como a pulsão “para retornar ao estado inanimado”, é a primeira a surgir, o instinto de vida (Eros) vem depois. E assim, para Freud, a entropia, a persistente dissolução e o desfazer-se, é o que nós nos esforçamos para integrar e unificar. Freud insiste nesta posição até o fim, para o desânimo de seus colaboradores na Inglaterra e Estados Unidos, os quais estavam embaraçados pelo seu “pessimismo europeu” e mais interessados nas “relações de objeto otimista” e “egos sem conflito” que ficavam prejudicadas pela inoportuna presença da morte. Necessita ser mencionado, entretanto, que na Inglaterra, a escola de psicanálise de Melanie Klein reteve e desenvolveu o conceito de Freud, de Pulsão de Morte.

Historicamente, as raízes da psicanálise na Europa Continental foram nutridas pela filosofia e pela religião: sua preocupação foi com a Morte. Da filosofia, o dito famoso de Montaigne, o qual também é atribuído a Sêneca: “A Filosofia significa aprender como morrer”, e de Hegel: “O único mestre absoluto é a mor-

te”. Do pensamento religioso nos lembramos que, “a recordação da morte” foi o principal dever cristão, porque breve, sua alma seria julgada por Deus. (“Momento More” foi motto de Thomas More, significando ambos, as recordações de sua própria morte e seu desejo de que Deus o lembre). Neste contexto, é interessante notar que o próprio Freud permaneceu usando a palavra religiosa “alma” (Seele) para indicar o sujeito pessoal (quando Dora Sucumbiu, ele escreve que “sua alma foi despedaçada” ao invés de “psyche” ou outras palavras alemãs disponíveis).

Historicamente, as raízes da psiquiatria e psicologia na Inglaterra foram nutridas da ciência experimental “objetiva” empírica, onde a morte e o sujeito mortal não foram interesse central. Era a ciência mecanicista, objetiva. Há apenas um exemplo onde a “Standart Edition” trai sua tendência empírica: traduz a palavra de Freud “alma” por “aparelho mental”! Algum tipo de artimanha. Não há como dizer que o tema da morte não é reconhecido na cultura inglesa: ao contrário, Shakespeare é um mestre, reconhecido pelas tramas mortais através de seus enredos. Mas esta não foi a tradição que, de fato, sustentou o desenvolvimento das “ciências psicológicas” na Inglaterra (e logicamente, na influência empírica dos Estados Unidos).

A luta do homem com a Morte foi sempre um conceito central para os filósofos, “existencialistas”, começando com Soren Kierkéggaard (1813-1855). Para Martin Heidegger (1889-1976), a existência humana “autêntica” (Dasein) surge somente no nosso “ser para a morte”. A antecipação da morte (Sein zum Tode) remete a existência até sua finitude, seu estado autêntico. Uma vez tendo alguém apreendido a finitude de sua existência, somente então é capaz de uma vida plena e de um discurso pleno.

A influência de Heidegger foi decisiva nos psicanalistas e psiquiatras europeus, notadamente Ludwig Binswanger (amigo de Freud) e Medard Boss na Suíça, Jacques Lacan na França e Rollo May nos Estados Unidos.

O existencialismo inspirado em Heidegger e Karl Jaspers também teve uma não pequena influência em filósofos e teólogos (como R. Bultmann, P. Tillide, K. Barth, J. Piefer, M. de Unamuno e outros.) os quais ajudaram a disseminar o credo existencialista na psicologia popular europeia e americana. Deve também ser notado que, nos Estados Uni-

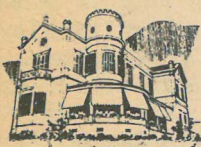
dos, Harold Searles reconheceu “a ansiedade existencial da morte” como desempenhando um papel crítico na etiologia da esquizofrenia, no seu “Esquizofrenia e a Inevitabilidade da Morte”, em 1961. Ele citou Heidegger e concluiu que, como fundamento, o paciente esquizofrênico é **incapaz** de encarar qualquer que seja a perda, mas sobretudo a perda pela morte, desde as fantasias infantis de onipotência pessoal, que demandam imortalidade.

Um outro clínico americano, George Pollock, tem contribuído com alguns estudos de casos documentando os intrincados efeitos da morte em pacientes e figuras famosas. Outros americanos que advogaram a posição pela morte, na psicologia clínica e nas Universidades, foram Norman O. Brown, Edith Wyschograd e Ernest Becker.

Correntemente, é a teoria clínica de Lacan que mais manifestamente celebra a morte como um dos conceitos centrais da psicanálise, que nos perturba profundamente porque é “tudo muito real”, e que, quando confrontada com ela, somos deixados sem discurso. A Morte, como uma perda necessária deve ser enfrentada: a alternativa pode ser a psicose. O neurótico vive atemorizado sob a lei da Morte; o psicótico está livre desta lei. Em todo o tratamento, escreve Lacan, a Morte está sempre presente como o “morto” num jogo de bridge (Le Mort, morto, em francês). A Morte Silenciosa está presente como nosso parceiro, quer queiramos ou não, fendendo-nos, sacudindo-nos de nossa letargia, impedindo-nos de começar a viver nossas vidas porque “já é muito tarde”. Foi quando a morte evenenou sua mãe e então perfurou seu próprio braço, que Hamlet foi finalmente capaz de agir, escreve Lacan. A subjetividade e a sexualidade humana são despertadas face a morte. Lacan, desta forma, continua a ênfase de Freud na Pulsão de Morte (de fato, ele nomeia todo o seu trabalho de “um retorno a Freud”) e como Freud, lamenta o desenvolvimento da psicanálise na Inglaterra e América, cujo escopo é oferecer um tipo de “felicidade” ou “completude” que está afastada para longe da “vida no fio da navalha” da Pulsão de Morte.

Tradutor: Gilberto Germany Herter.

• Nova York, Psicanalista e Psicólogo.
Professor Adj. de Psicologia Clínica da Fordham University N. York e Supervisor no Institute for Contemporary Psychotherapy. Membro da American Psychological e da Lacanian Clínica e fundador do Comitê Executivo de Nomos



**HOTEL
CHÁCARA
DAS
ROSAS*****

Situado no Retiro, um tranquilo bairro residencial entre Petrópolis e Itaipava, lhe oferecemos a beleza da construção no estilo Imperial e o conforto de um atendimento moderno e personalizado. Venha saborear o tradicional ‘chazinho da tarde’ e um American-Bar no melhor estilo de época. O hotel possui piscina, playground, salão de jogos, futebol, vôlei, churrasqueira, restaurante estacionamento e suítes com TV a cores, som e frigobar. tudo isso cercado por um belíssimo jardim e com o melhor clima da região. ligue rápido!!! (0242) 43-0152.

Rua Cidália Meireles, 65 -Retiro

**Organização e Execução de
Congressos**

**e Eventos em
geral
Assessoria de
Comunicação
Social -
elaboração de
boletins
informativos
Programação
Visual - tecnologia de ponta
em Editoração eletrônica
computação gráfica ou
multimídia**

Rua Martins Ferrera, 42 Cep.: 22271-010
Rio de Janeiro, RJ
Tel.: 288-5486
Telfax: 246-1549

